

**GÊNERO E DIVERSIDADE: EDUCAÇÃO E (IN)VISIBILIDADE LGBTQ NOS  
ESPAÇOS URBANOS**

**GÉNERO Y DIVERSIDAD: EDUCACIÓN E (IN)VISIBILIDAD LGBTQ EN LOS  
ESPACIOS URBANOS**

**GENDER AND DIVERSITY: EDUCATION AND LGBTQ (IN)VISIBILITY IN URBAN  
SPACES**

WISNIEWSKI, Rudião Rafael

[rudiao.wisniewski@ifarroupilha.edu.br](mailto:rudiao.wisniewski@ifarroupilha.edu.br)

IFFar-PB – Instituto Federal Farroupilha - *Campus* Panambi

<https://orcid.org/0000-0001-8229-0299>

**RESUMO** A invisibilidade condicionada aos sujeitos LGBTQ é fator determinante nas relações estruturantes dos espaços urbanos e, conseqüentemente, socioculturais. Esta temática se faz relevante no momento em que concebemos que os fatores que constituem os indivíduos são os mesmos que constituem o espaço no qual se inserem, num movimento continuamente recursivo. Nesta perspectiva, por meio de análise e pesquisa bibliográfica, o presente texto tem como objetivo ampliar a discussão sobre o comportamento dos sujeitos LGBTQ como agentes constituintes das cidades e por elas constituídos. Frequentemente reprimidos e marginalizados pelo *status quo* da heteronormatividade, resta-os se fazerem invisíveis ou lutarem por visibilidade, e a educação é, sem dúvida, a principal ferramenta para esta tarefa.

**Palavras-chave:** Cidades. Diversidade. Educação. LGBTQ. Visibilidade.

**ABSTRACT** The invisibility conditioned to LGBTQ people is a determining factor in the structuring relations of urban and, consequently, sociocultural spaces. This theme is very important in a moment when we can understand that the factors which compose the people are the same which constitute the space where they live, in a continuous recursive movement. Being like this, through analysis and bibliographical research, the present text has as objective to broaden the discussion about the behavior of LGBTQ people as constituents of cities and constituted by them. Very often, they are repressed and marginalized by the status quo of heteronormativity, what make them become invisible or fight for visibility, and education is, undoubtedly, the main tool for this task.

**Keywords:** Cities. Diversity. Education. LGBTQ. Visibility.

**RESUMEN** La invisibilidad condicionada a los sujetos LGBTQ es un factor determinante en las relaciones estructurantes de los espacios urbanos y, conseqüentemente, socioculturales. Esta temática se hace relevante en el momento en que concebimos que los factores que constituyen los individuos son los mismos que constituyen el espacio en el que se insertan, en un movimiento continuamente recursivo. En esta perspectiva, por medio de análisis e investigación bibliográfica, el presente texto tiene como objetivo ampliar la discusión sobre el comportamiento de



los sujetos LGBTQ como agentes constituyentes de las ciudades y por ellas constituidas. A menudo reprimidos y marginados por el *status quo* de la heteronormatividad, los resta hacer a si mismos invisibles o luchar por visibilidad, y la educación es, sin duda, la principal herramienta para esta tarea.

**Palabras clave:** Ciudades. Diversidad. Educación. LGBTQ. Visibilidad.

## 1 INTRODUÇÃO

*Felizes ou infelizes.*

*Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados (CALVINO, 2014, p. 37).*

O presente texto pretende lançar a reflexão acerca do papel da cidade na constituição do indivíduo, bem como do indivíduo na construção da cidade, especialmente do grupo composto por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queer (LGBTQ) sob a luz de questões relacionadas a gênero e sexualidade.

Na sociedade contemporânea, os espaços urbanos estão tendenciosos a serem transformados. Transformações estas determinadas por fatores sociais, culturais e espaciais. Nesses espaços, a vivência dos sujeitos LGBTQ é proporcionada, em algumas situações, pelos sentimentos de conforto e/ou desconforto.

Parafraseando o livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, nos ateremos aos visíveis e invisíveis nas cidades, ou melhor, aos que a hegemonia impõe a invisibilidade, numa tentativa de se adequarem à heteronormatividade e aos que lutam para serem vistos e respeitados pelo que são.

A metodologia utilizada para a escrita deste texto foi, juntamente com a observação da realidade, a pesquisa bibliográfica, contando, para a composição do *corpus*, com Calvino (2014), Butler (1999 e 2002), Louro (2016), Foucault (2005), entre outros.

## 2 CIDADE E (IN)VISIBILIDADE

Desde a *polis* grega, a cidade é o lugar da partilha de conhecimentos, alegrias, tristezas, lugar da confraternização, das festas, dos encontros e desencontros. Ou,



como afirmaram Gómez-Granell e Villa (2003, p. 18), “a cidade é, em si mesma, um agente educativo e assim foi entendida pelas diferentes civilizações. Um lugar onde as pessoas se reúnem para conviver, para aprender, para participar da vida social e política e para exercer seus direitos de cidadãos”. No entanto, desde a Antiguidade, nem todos são considerados iguais. Alguns têm mais direito às cidades que outros, ou, pelo menos, pensam que têm. Ser LGBTQ pode impedir algumas pessoas de levarem a vida que gostariam e serem respeitados como os demais habitantes da cidade.

Marco Polo disse a Kublai Khan, imperador dos mongóis, que “As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa” (CALVINO, 2014, p. 44). As cidades, reais e imaginadas, foram tema do livro de um dos expoentes da literatura italiana, Ítalo Calvino. Extrapolando o conceito geográfico de cidade, o autor vai falar das questões e relações humanas metaforizadas como cidades. São 55 delas, todas com nome feminino, já apontando para uma questão de gênero, também de concepção – em seus dois significados –, através do viajante Marco Polo, que narra ao Grande Khan suas viagens, descrevendo com detalhe as cidades que conheceu – mesmo que em sua imaginação –, lembrando também de sua cidade natal: Veneza. Com uma complexa estrutura, conforme explicou Candeias (2018, p. 1):

A estrutura do livro segue um plano rigoroso. Há cinco contos de cada tipo, ou sobre as cidades de cada tema, intitulados como “as cidades e o [tema]. n.”, com n a ir de 1 a 5. Os temas (11 ao todo) vão-se alternando também segundo um plano rigoroso que define a estrutura de capítulos (que são 9), cada um dos quais precedido e seguido de um dos fragmentos de conversa referidos acima. Nada disto é, naturalmente, por acaso. Calvino, através deste artifício, constrói o seu livro como que armado de régua e esquadro, como um arquiteto que constrói cidades. As cidades, em si, são fascinantes.

Muitas das cidades que conhecemos e conheceremos nas viagens de nossas vidas também s(er)ão fascinantes. Porém, não basta sua beleza arquitetônica ou natural se as pessoas que nela habitam ou que a ela chegam não se sentirem bem. Muitas vezes, é o que acontece com os sujeitos LGBTQ, pois a cidade pensa ser a heteronormatividade a forma normal e a única possível, aceitável, natural. Portanto,



quem não se enquadra deve evitar demonstrar, aparentar, para não atrapalhar ou incomodar o *modus vivendi* da maioria.

Ou seja, para não sofrer preconceito, o sujeito se invisibiliza. Usa as roupas que julgam ser ideais de acordo com sua genitália, tenta vestir-se e comportar-se como esperam que o faça – isso é chamado papel de gênero, performance ou expressão de gênero. Se escondem tanto até que se tornem invisíveis, até aparentarem ter o desejo que a heteronormatividade apregoa ser o normal. Daí vem a metáfora do armário. “Sair do armário” significa aceitar sua sexualidade, assumi-la, estar visível. Os (in)visíveis continuam no armário. O “in”, além de um prefixo usado para indicar “privação”, “negação”, pode ser tomado como a palavra inglesa que significa “dentro”, pois muitas pessoas têm declarado não serem preconceituosas, apenas querem que essa forma de amar seja mantida no privado, *indoor*.

A referência a estar no armário, neste texto, representa apenas uma constatação, não uma crítica, pois, muitas vezes, dependendo do lugar ou da cidade onde vivem, é a única forma dos LGBTQ poderem ser felizes, sem discriminação. Mas é fundamental abrir um pouco a porta do armário para não sufocar. Muitos casos de suicídio são devido a isso. O armário pode esconder a aparência, o que a hegemonia não quer ver, mas não esconde a vergonha sentida por se acreditar na mentira que é uma aberração, um pecador digno do inferno, com uma doença transmissível (homossexualismo) às crianças que presenciarem sua forma de amar.

Um sujeito (in)visível – invisibilizado, produzido como inexistente, embora sempre em voga nas discussões políticas e fofocas cotidianas – passa a ser um fio muito frágil na teia social, arriscando todo seu equilíbrio. Como narrou Calvino (2014, p. 71), através de Marco Polo: “Otávia, cidade-teia-de-aranha. Existe um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade fica no vazio”. É necessário cuidar de seus fios para não cair no precipício. Para poder realmente colaborar com o progresso do local onde vive, é necessário transformar a realidade de quem nela habita. Dar visibilidade às minorias, permitir que sejam vistas como são, fios arco-íris embelezam e fortalecem a teia. É isso que as chamadas “Parada Gay” tentam fazer. Cidades desenvolvidas visibilizam seus integrantes para que, em conjunto, cada um consiga também progredir. Pois, conforme Farfus (2012, p. 33-34), para o sujeito transformar a realidade,



é necessário que tenha acesso a novas possibilidades que altere seu *status quo*, que proporcione uma reinvenção do fio de sua teia. Para que ele possa interagir em sociedade compreendendo seus direitos, deveres e a importância das associações humanas e das somas que estas oportunizam, a educação é condição fundamental.

É fácil constatarmos que o caminho para a construção de uma sociedade mais digna e justa são as diversas possibilidades de convivência entre os seres humanos e não o isolamento em pequenas castas. Para que haja reflexão e ação coletiva, os homens devem ser capazes de reconstruir uma nova ordem social na qual se efetive a convivência entre todos, indistintamente. A convivência indistinta deve ser um exercício a ser almejada por diferentes comunidades, em todos os lugares do planeta (FARFUS, 2012, p. 33-34).

Efetivamente, a comunidade LGBTQ vem tecendo fios significativos ao longo dos últimos anos. A discussão sobre casamento igualitário, criminalização da homofobia e o emprego do nome social por sujeitos transexuais e travestis são algumas das pautas que exemplificam como a agenda tem obtido determinado sucesso. Compreender, expor e discutir a matéria em um meio que continuamente se mostra conservador e preconceituoso é, inquestionavelmente, comprometer-se. No entanto, é imperativa a discussão do tema – gênero e diversidade sexual –, pois somente desta maneira caminharemos para a construção de espaços onde o respeito pelas diferenças seja um fio sustentador da emaranhada teia social. A escola não pode se abster desse papel, pois é o lugar onde a humanidade, em toda sua diversidade deve ser debatida, abraçada, respeitada.

Em diversas cidades, a homossexualidade é vivida, visível – o que se constitui como um movimento de resistência e, por consequência, uma (re)construção sociocultural –, porém não respeitada, é invisibilizada, prejudicando a compreensão das relações que se consolidam na cidade e que nos permitem analisar criticamente a constituição dos sujeitos e suas sexualidades. Apesar de não debatida coerentemente, a tentativa de inferiorização já aprovisiona um lugar ao grupo LGBTQ. É atribuído significado às palavras que dão origem à sigla e seguem se “comportando”, mesmo quando nem ao menos ela é aceita, de maneira que serve para determinar relações e trata da constituição dos sujeitos. O silêncio está ligado à censura e ao controle à fala (BUTLER, 1999). O silêncio, contudo, faz parecer não existir a questão. No entanto, o silêncio é parte do discurso, de forma que romper com ele significa redirecionar a discussão (FERRARI; BARBOSA, 2014).



Hanke, Ornat e Gelinski (2015) avaliam que as pessoas LGBTQ vivem nos mais diversos espaços, todavia, podem não vivenciar as mesmas situações e os mesmos sentimentos no que eles denominam de “vivências de conforto e desconforto”. Assim, é plausível admitir que as manifestações da vivência urbana dos homossexuais estão intensamente conectadas à visibilidade. Neste contexto, o tema acerca da segurança destes espaços é discutido por Skeggs (2004) e tido como fundamental para a discussão e a pesquisa acerca da temática, uma vez que não podemos, em hipótese alguma, desconsiderar o medo da violência e do crime pelos quais passam os sujeitos LGBTQ nos espaços urbanos.

Nesta perspectiva, as relações LGBTQ podem ser vistas nas mais variadas formas e escalas, havendo um ou mais elementos que desencadeiam determinadas decisões – sejam elas de natureza espacial ou comportamental – em meio aos indivíduos, por exemplo, o preconceito acerca da homoafetividade que é fator decisivo por “[...] regular, condicionar ou até desconectar as relações entre as pessoas heterossexuais e homossexuais, colocando-os em diferentes posições espaciais, ora sendo centro e em outra margem” (HANKE; ORNAT; GELINSKI, 2015, p. 3-4).

Desta forma, percebemos que os sujeitos LGBTQ não se sentem confortáveis em todos os lugares devido à hostilidade e violência nas cidades. Estes fatores estimulam sentimento de insegurança nestes indivíduos, delimitando-os em determinados ambientes estigmatizados social e culturalmente pela vivência e convivência de outros homossexuais, como as boates.

### 3 RECURSIVIDADE E GÊNERO

Como já mencionado, a visibilidade é um fator decisivo para o respeito à diversidade, pois todos e cada um ajudam a formar a cidade, não apenas quem se sente privilegiado por ser de determinada cor, crença, classe social e orientação sexual. Como bem lembrou Edgar Morin (2005), ao falar da recursividade, todos fazem parte e são parte da sociedade, mas cada parte já é a representação de toda ela:

o todo está na parte que está no todo, como num holograma. De certo modo, a totalidade da nossa informação genética está em cada uma de nossas





células, e a sociedade, enquanto “todo”, está presente na nossa mente *via* a cultura que nos formou e informou. Ainda de outro modo, podemos dizer que “o mundo está na nossa mente, a qual está no nosso mundo”. Nosso cérebro-mente “produz” o mundo que produziu o cérebro-mente. Nós produzimos a sociedade que nos produz (MORIN, 2005, p. 190).

Ou ainda, conforme Elias (1994, p. 19), “não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele. Ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja este qual for [...], e onde se localize, no passado, no presente ou futuro”. Cada um de nós é um fio na teia que forma nossa cidade, nossa sociedade e

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis. Por nascimento, ele está inserido em um complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escolha entre as funções pré-existentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que lê, nasce e cresce nessa teia humana das funções e da situação de seus pais, e, em consonância com isso, da escolarização que recebe (ELIAS, 1994, p. 21).

Portanto, é papel de todos possibilitar a ampliação e desenvolvimento desses espaços de visibilidade para o progresso do todo. Cada fio é necessário com toda a sua potência, com todo o seu ser. “O desenvolvimento de um indivíduo, da sociedade, e de uma nação é um processo de evolução e de mudanças contínuas e de instabilidade, de ansiedades, de busca permanente de uma nova maneira de ser (CARON, 2003, p. 37). Professores não podem ser marceneiros, incentivando a construção de mais armários para seres humanos invisibilizados.

Armários são como as escolas-gaiola de Rubem Alves (2001), aprisionam, para fazer o que quiser com o engaiolado. Devemos incentivar escolas-asas, pois elas “não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. Da mesma forma, não se ensina alguém a ser hétero, homo, bi, masculino(a), feminina(o), etc. Porque seria como tentar ensinar pássaros a serem peixes. Suas asas estão lá, mesmo que sejam cortadas, não tirarão seu desejo de voar.



À diversidade das cidades invisíveis de Calvino poderia ser acrescentada uma cidade armário, escura e amedrontadora, de onde, ao sair, pode-se contar com o apoio da sociedade que se construiu cidade luz e acolhimento ao seu redor. Os que, infelizmente não conseguem uma mão estendida ao apoio, voltariam correndo, pois o armário pareceria a única opção de lugar para sobreviver. Os professores, nessa cidade luz da escuridão, seriam os porteiros que ajudam os alunos a aprenderem a voar na claridade ou os carcereiros que ajudam a mantê-los no silêncio não iluminado?

Quanto mais as escolas forem asas, mais pássaros felizes constituirão nossa sociedade, gerando mais professores-pássaros para escolas que são asas. Assim é que se diminui a quantidade de escolas que são gaiolas e pessoas que são (in)visíveis. Infelizmente, há um crescente conservadorismo tentando impedir que as escolas deem pleno voo às pessoas, independentemente de seu gênero. Fundamentalistas têm chamado de “ideologia de gênero” os estudos e reflexões como os realizados neste texto. Segundo Reis e Eggert (2017, p. 20),

Criou-se uma falácia apelidada de “ideologia de gênero”, que induziria à destruição da família “tradicional”, à legalização da pedofilia, ao fim da “ordem natural” e das relações entre os gêneros, e que nega a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBT comprovadas com dados oficiais e estudos científicos. Utilizou-se de desonestidade intelectual, formulando argumentos sem fundamentos científicos e replicando-os nas mídias sociais para serem engolidos e regurgitados pelos fiéis acríticos que os aceitam como verdades inquestionáveis. Utilizou-se também de uma espécie de terrorismo moral, atribuindo o status de demônio às pessoas favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e diversidade sexual na educação, além de intimidar profissionais de educação com notificações extrajudiciais com ameaça de processo contra quem ousasse abordar esses assuntos na sala de aula. Criou-se um movimento para “apagar” o assunto gênero do currículo escolar.

Essas tentativas de engaiolar a liberdade de uns em detrimento de outros deve estimular ainda mais o debate em sala de aula, evitando, assim, mais violência e mortes – tanto homicídios quanto suicídios, também feminicídios – pela não aceitação da diversidade, fruto de uma cultura de desinformação.

#### **4 ESPAÇOS URBANOS E VIVÊNCIA DOS GRUPOS LGBTQ**

Harari (2015, p. 155) afirma que os conceitos culturais tendem a proibir o que “não é natural”, no entanto, a perspectiva biológica defende que tudo o que é





biologicamente possível, é, por conseguinte, natural. Se os órgãos sexuais existissem apenas para a reprodução humana, não haveria prazer no sexo. “Os órgãos evoluem para executar uma função específica, mas, depois que existem, podem ser adaptados para outros usos também.” E cita exemplos, tais como o uso da boca para beijar, cuja função inicial era levar nutrientes para o corpo dos seres multicelulares. E, em comunidades de chimpanzés, o sexo é usado não apenas para a procriação e perpetuação da espécie, mas também, e não menos importante, para criar alianças políticas, intimidade e para neutralizar tensões. Dessa forma, o argumento de que homossexuais são uma anomalia da natureza é insustentável.

Os mais diversos documentos, poemas, pinturas, entre outros, registram nuances relacionadas às questões da sexualidade e afetividade entre pessoas do mesmo sexo (LOMANDO; WAGNER, 2009), não é uma invenção da atualidade, pois tais relações sempre existiram. A única novidade na tentativa de compreensão das identidades LGBTQ, é a postura pós-identitária *queer*.

Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2016, p. 39).

Como afirmou Touraine (2006, p. 130), “o sujeito é um fim em si próprio [...], o sujeito não se forma a não ser entrando conscientemente em conflito com as forças dominantes que lhe negam o direito e a possibilidade de agir como sujeito”. Para Foucault (2005, p. 54), “O sujeito se constitui através de práticas de sujeição, ou, de uma maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade, a partir, é claro, de um certo número de regras, estilos, convenções, que se encontram no meio cultural”. O filósofo francês ainda afirma que:

A sexualidade é algo que nós mesmos criamos – ela é nossa própria criação, bem mais do que a descoberta de um aspecto de nosso desejo. Devemos compreender que nossos desejos, através deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; é uma possibilidade de se alcançar uma vida criativa (FOUCAULT, 2005, p. 27).



A construção discursiva das sexualidades, exposta por Foucault, vai se mostrar fundamental para a teoria *queer*. Da mesma forma, a operação de desconstrução, proposta por Jacques Derrida, parecerá, para muitos teóricos e teóricas, o procedimento metodológico mais produtivo. Desconstruir não é destruir, é desfazer, é um modo de questionar ou de analisar que desestabiliza binarismos linguísticos e conceituais. A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos polos. Trabalhando para mostrar que cada polo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada polo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada polo é, em si mesmo, fragmentado e plural (LOURO, 2016).

Judith Butler, uma das mais destacadas teóricas *queer* afirma que as sociedades constroem normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos e que essas normas regulatórias precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que tal materialização se concretize. Contudo, ela acentua que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 1999, p. 154), daí que essas normas precisam ser constantemente citadas, reconhecidas em sua autoridade, para que possam exercer seus efeitos.

Ao alertar para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, os teóricos e as teóricas *queer* sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias. O alvo dessa política e dessa teoria não seriam propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos. Trata-se, portanto, de uma mudança no foco e nas estratégias de análise; trata-se de uma outra perspectiva epistemológica que está voltada para a cultura, para as estruturas linguísticas ou discursivas e seus contextos institucionais (LOURO, 2016).

La construcción del género opera apelando a medios excluyentes, de modo tal que lo humano se produce no sólo por encima y contra lo inhumano, sino también a través de una serie de forclusiones, de supresiones radicales a las



que se les niega, estrictamente hablando, la posibilidad de articulación cultural. De ahí que sea insuficiente sostener que los sujetos humanos son construcciones, pues la construcción de lo humano es una operación diferencial que produce lo más o menos “humano”, lo inhumano, lo humanamente inconcebible. Estos sitios excluidos, al transformarse en su exterior constitutivo, llegan a limitar lo “humano” y a constituir una amenaza para tales fronteras, pues indican la persistente posibilidad de derrumbarlas y rearticularlas (BUTLER, 2002, p. 26).

A pensadora ainda afirma que a construção não é um ato único nem um processo causal iniciado por um sujeito e que culmina em uma série de efeitos fixados. “La construcción no sólo se realiza en el tiempo, sino que es en sí misma un proceso temporal que opera a través de la reiteración de normas; en el curso de esta reiteración el sexo se produce y a la vez se desestabiliza” (BUTLER, 2002, p. 29).

Sempre haverá pessoas conservadoras, que não querem dar lugar ao progresso, que pensam ser a conservação das coisas como sempre foram o caminho para perdurarem, no entanto, se as coisas fossem sempre iguais não haveria evolução, ainda seríamos uma outra espécie não racional – ou melhor, nem seríamos nós, ou pelo menos não teríamos consciência de quem somos tal qual a temos por sermos humanos.

Portanto, mesmo que seja um esforço muito grande aos conservadores aceitarem as mudanças, a diversidade é o caminho para o progresso. Eles precisam ampliar seus limites, em vez de desejarem que o diverso se invisibilize – ou deixe de existir – para que consigam viver sua mesmice. Se assim o for, pode acabar como Zora, a cidade que sumiu por não querer mudar e evoluir: “obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo” (CALVINO, 2014, p. 20).

A cultura K-pop da Coreia está contribuindo bastante para quebrar as barreiras de gênero. Nela, roupas já não têm mais uma definição de masculino e feminino e o mercado de maquiagens para homens é quase tão promissor quanto o das mulheres. Cores e cortes de cabelos também ampliaram o espectro do que antes era considerado uma expressão de gênero típica do masculino ou feminino. São queer, o Q de LGBTQ, o Questionamento do padrão estabelecido pela hegemonia.

Butler (2002, p. 49) afirma que “el poder regulador produce a los sujetos que controla, de que el poder no sólo se impone externamente, sino que funciona como el



medio regulador y normativo que permite la formación de los sujetos”. E segue seu raciocínio:

Cómo aquello que fue excluido o desterrado de la esfera propiamente dicha del “sexo” – entendiendo que esa esfera se afirma mediante un imperativo que impone la heterosexualidad – podría producirse como un retorno perturbador, no sólo como una oposición imaginaria que produce una falla en la aplicación de la ley inevitable, sino como una desorganización capacitadora, como la ocasión de rearticular radicalmente el horizonte simbólico en el cual hay cuerpos que importan más que otros (BUTLER, 2002, p. 49).

O papel da educação diante desse fato pode ser o apontado por Delors et al. (2006, p. 97), quando afirma que ela deve utilizar dois caminhos complementares, quais sejam: “a descoberta progressiva do outro” e “ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos”. Um currículo que não inclua questões de gênero e diversidade sexual, desde as séries iniciais, desmitificando as convencionadas cores e brincadeiras de menino ou de menina, é um currículo excludente, pois privilegia uma forma de ser, marginalizando outros saberes e indivíduos.

Infelizmente, há grupos fundamentalistas em pleno ataque contra a inclusão dos estudos de gênero e diversidade sexual no currículo escolar. O movimento “Escola Sem Partido” pretende silenciar os profissionais da educação que defendem o debate a respeito dos direitos das pessoas LGBTQ, e de outras minorias, com constantes ataques e ameaças, contando com o apoio de políticos, principalmente da bancada evangélica. Sua principal alegação é de que os professores fazem “doutrinação ideológica”, como se fosse possível mudar a orientação sexual de alguém – ironicamente, são os apoiadores desse movimento que defendem a “cura gay”.

## 5 EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

Talvez a maior dificuldade que se tenha atualmente para compreender as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, é que se considera tudo como uma coisa só: sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero, quando na verdade são três coisas distintas.



O sexo diz respeito à genitália com a qual se nasce, tal qual os animais, macho e fêmea, podendo nascer do sexo masculino, feminino ou intersexual. Se comparado a uma cidade, é apenas o terreno sobre o qual ela foi construída, podendo ser um planalto, uma depressão ou uma planície.

A orientação sexual é por quem se tem atração afetiva e sexual; podendo ser pela figura masculina, pela figura feminina, pelas duas, no caso dos bissexuais, ou por nenhuma das duas, no caso dos assexuados. Na comparação com uma cidade podemos trazer seus principais atrativos: ela pode chamar atenção pela gastronomia, pelos esportes, pelo conjunto arquitetônico, ou não ter atrativo nenhum.

A identidade de gênero é a maneira como cada um se enxerga, e se expressa (papel de gênero) como parte do gênero masculino, feminino, não-binário, andrógino, neutrois, transgênero, cisgênero, pangênero, etc. Nos Estados Unidos já são reconhecidos dezenas de gêneros diferentes – inclusive no Facebook pode-se optar pelo qual melhor lhe define entre 56 deles. Comparado a uma cidade, seria a forma como ela se apresenta, podendo ser turística, florida, ecológica, moderna, religiosa, portuária, histórico-cultural, político-administrativa, balneária, industrial, universitária, entre tantas outras possibilidades de configuração.

Portanto, a ideia hegemônica de que sexo, sexualidade e identidade de gênero devam corresponder é uma fantasia, mais ficcional que as cidades invisíveis de Calvino, pois se os seres humanos devem comportar-se como deseja a heteronormatividade, com um macho, portador do pênis sendo sempre heterossexual e usando as roupas, corte de cabelo e expressões típicas aos homens, seria o mesmo que dizer que todas as cidades da serra devem mover-se a energia eólica, ter sua diversão centrada em esportes que envolvam alturas e arquitetura típica, com casas suspensas.

A verdade é que a beleza e riqueza das cidades está em sua diversidade. Muitas vezes suas atrações parecem ou são contraditórias; o que atrai um habitante é exatamente aquilo que outro julga ser um ponto negativo. Por exemplo: muito da economia de cidades litorâneas como Florianópolis se deve aos seus turistas, mas problemas com o precário transporte público incomodam seus habitantes, que dizem não gostar do período quente, quando a cidade fica lotada, mesmo sendo o período



em que a economia local é alavancada, permitindo que a cidade se desenvolva cada vez mais.

O erro é tentar reduzir a complexidade, que é a riqueza não só da sexualidade, mas do mundo, a um rótulo. Como a bem difundida frase dos ativistas das causas LGBTQ: “Rótulos são para embalagens, não para pessoas”. Então, tais definições de sexo, sexualidade, gênero e sua expressão, existem para que se tente compreender, mas, além disso, para que as pessoas que desejem se definir com algum desses termos, possam fazê-lo; não para que os outros, por ignorância ou preconceito, os rotulem com as categorias que julgam serem compatíveis com seu comportamento, vestimenta ou expressões.

É a complexidade dessas relações que precisa ser compreendida e avaliada positivamente. Assim como a diversidade sexual e de gênero enriquece as formas de se ser humanos. Muitas pessoas possuem gênero fluido, com uma orientação não rígida, mudando de “ares” conforme seu desejo impulsiona. Ao passo que outras pessoas tentam se enquadrar ao padrão heteronormativo, reprimindo tanto seus desejos a ponto de tornarem-se homofóbicos e desejarem a morte dos que são fruto de seu desejo. Qual faz mais feliz? Ou, conforme a epígrafe deste texto, qual consegue seguir em frente e dar forma aos desejos em vez de se anular?

Hoje, mais do que nunca, as cidades, grandes ou pequenas, dispõem de inúmeras possibilidades educadoras, mas podem ser igualmente sujeitas a forças e inércias deseducadoras. De uma maneira ou de outra, a cidade oferece importantes elementos para uma formação integral: É um sistema complexo e ao mesmo tempo um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de contrariar os fatores deseducativos (CARTA CIDADES EDUCADORAS, 1994).

Educar para a diversidade é o melhor caminho para a convivência pacífica na cidade. A violência só acabará quando a educação for mais ampla e trabalhar a reflexão, os direitos humanos, principalmente das minorias, para superar os fatores deseducadores. Diante dos atuais ataques fundamentalistas, resta à escola ser resistência, dar voz e visibilidade aos que estão sendo apagados – Marielle, presente!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS





A cidade ideal é o lugar onde são partilhados conhecimentos, e são expressados sentimentos, onde as pessoas se reúnem diariamente para o convívio social, para a participação política, para o aprendizado e para e o exercício da cidadania. Entretanto, é fato que nem todos os constituintes do espaço urbano são considerados iguais. O acesso aos direitos na cidade não é revestido da equidade *erga omnes* dos direitos em si, em vista de razões étnicas, políticas, regionais, sexuais e, principalmente, econômicas. Fato é, também, que os indivíduos pertencentes à classe dominante, privilegiados, impõem a todos seus costumes e padrões de natureza homogeneizadora, anulando a riqueza da diversidade que se fortalece na resistência.

Olhar para as questões assim pode parecer complicado, mas é mais realista, e muito mais divertido. Menos Zora, imutável e destinada a definhar, mais Clarisse, com os tempos de indignância “sucedidos por épocas mais alegres: uma suntuosa Clarisse-borboleta”, saída da Clarisse-crisálida (CALVINO, 2014, p. 99). Assim, a riqueza cultural, está na diversidade, na mudança, no passo em que

A construção social convida todos a somarem esforços, trocarem experiências e mudarem comportamentos. Hoje consolidadas, na busca de um caminho mais digno para a humanidade. O entendimento da sociedade complexa e os investimentos necessários para a mudança são o início do reconhecimento dos desafios futuros que se estabelecem e a identificação das transformações que podem ser implementadas como possibilidades (FARFUS, 2008, p. 17).

A invisibilidade imposta aos sujeitos LGBTQ é um infortúnio construído de ideais sociais que foram estabelecidas por indivíduos em determinado tempo e espaço e que se disseminaram na sociedade, ao passo que discriminam e marginalizam os sujeitos. Fortuitamente, ainda há forças de resistência que propagam a discussão crítica da temática e, por isso,

Na vida social de hoje, somos incessantemente confrontados pela questão de se e como é possível criar uma ordem social que permita uma melhor harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos de um lado e, de outro, as exigências feitas a cada indivíduo pelo trabalho cooperativo de muitos, pela manutenção e eficiência do todo social. Não há dúvida de que isso – o desenvolvimento da sociedade de maneira a que não apenas alguns, mas a totalidade de seus membros tivesse a oportunidade de alcançar essa harmonia – é o que criaríamos se nossos desejos tivessem poder suficiente sobre a realidade (ELIAS, 1994, p. 17).



Reconhecer que a cidade constitui tal como é constituída por seus habitantes pode determinar a oportunidade para que os invisíveis se tornem visíveis. Em uma sociedade igualitária, onde a violência e o crime nos espaços sociais não sejam determinantes do destino humano, onde ninguém mais precise ser contingenciado a guetos, submersíveis a uma realidade paralela a fim de passar despercebidos pelo *status quo* estabelecido pela heteronormatividade. Em um espectro de fatores biológicos limitados e fatores socioculturais ilimitados, não há anormalidade, há diversidade, multiplicidade de sujeitos-fios que se conectam de todas as formas, gerando novos fios-seres que dão sustentação à constante evolução inerente ao processo de interação humana, cuja teia-rede delinea a trajetória social desde os pequenos redutos culturais até o grande mundo globalizado.

Entre metáforas e análises, o presente texto se deteve à identificação do papel ocupado pelos sujeitos LGBTQ nos centros urbanos e dos lugares de preferência destas interferências, com especial observância àqueles que acatam, por motivações próprias, a vestimenta uniformizadora imposta pela hegemonia local. Viver plenamente como um sujeito LGBTQ é, atualmente, uma reivindicação de respeito, igualdade, visibilidade social e, acima de tudo, de felicidade. Indubitavelmente, a educação é a principal ferramenta na construção de uma cidade e sociedade que compreenda e respeite as relações humanas e os direitos das minorias para o desenvolvimento de uma forma mais justa e feliz de conviver.

## RUDIÃO RAFAEL WISNIEWSKI

Doutor em Educação nas Ciências. Professor do Instituto Federal Farroupilha-Campus Panambi. Mestre em Letras-Literatura.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. Gaiolas e asas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 dez. 2001. Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0512200109.htm>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan*: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.



BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.

CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CANDEIAS, J. As cidades invisíveis: Ítalo Calvino, *Obvious Magazine*. Disponível em: [http://obviousmag.org/archives/2003/11/as\\_cidades\\_invi.html#ixzz5EOSZ1QoJ](http://obviousmag.org/archives/2003/11/as_cidades_invi.html#ixzz5EOSZ1QoJ). Acesso em: 28 maio 2018.

CARON, A. *Inovações tecnológicas nas pequenas e médias empresas industriais em tempos de globalização: o caso do Paraná*. 2003. Tese (Doutorado em Engenharia da produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CARTA CIDADES EDUCADORAS. nov. 1994. Disponível em: [www.quintacidade.com/wp-content/uploads/2008/04/cartacidadeseducadoras.pdf](http://www.quintacidade.com/wp-content/uploads/2008/04/cartacidadeseducadoras.pdf). Acesso em: 14 maio 2018.

DELORS, J. et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco; MEC, 2006.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FARFUS, D. *Empreendedorismo social e desenvolvimento local: um estudo de caso no SESI Paraná*. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Organizações e Desenvolvimento) – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (Unifae), Curitiba, 2008.

FARFUS, D. *Espaços educativos: um olhar pedagógico*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

FERRARI, A.; BARBOSA, J. G. C. V. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 8, n. 11, 2014.

FOUCAULT, M. *Sexo, poder e indivíduo: entrevistas selecionadas*. Trad. Davi de Souza e Jason de Lima e Silva. 2. ed. Desterro: Nefelibata, 2005.

GÓMEZ-GRANELL, C.; VILLA, I. (Org.). *A cidade como projeto educativo*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HANKE, W.; ORNAT, J. M.; GELINSKI, A. Espaços e vivência interseccional de homens gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná. *IV Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismos, identidade de gênero e políticas públicas*, 2015.

HARARI, Y. N. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.



LOMANDO, E.; WAGNER, A. Reflexões sobre termos e conceitos das relações entre pessoas do mesmo sexo. *Revista Sociais e Humanas*, v. 22, n. 2, p. 113-123, 2009.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

REIS, T; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan.-mar., 2017.

SKEGGS, B. Uneasy alignments, resourcing respectable subjectivity. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 10, n. 2, p. 291-298, 2004.

TOURAINÉ, A. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006.